

#Wikileaks: da publicação de documentos confidenciais à emergência da rede colaborativa no Twitter¹

Priscilla CALMON de Andrade²
Allan CANCIAN Marquez³
Fabio Luiz MALINI Lima⁴
Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo entender como o vazamento de documentos confidenciais do governo norte-americano, provocado pela organização Wikileaks, colaborou para a criação de uma rede de discussão sobre o tema. Através da *hashtag* #Wikileaks usada no micro blog Twitter, buscou-se categorizar essas mensagens e mensurar sua importância no contexto da narrativa colaborativa. Analisou-se 527 perfis e seus 1625 *tweets*, classificando-os conforme o enunciado de seus conteúdos. Dentre esses variados tipos de mensagem analisadas, dois tipos de perfis foram destacados (*news e ativistas*) para compreender suas formas particulares de passar as informações na timeline pública sobre o assunto.

PALAVRAS-CHAVE: wikileaks; vazamento; narrativa colaborativa; Twitter; redes emergentes

1. Introdução

A política dos veículos midiáticos é hoje baseada em uma lógica de escândalos, em que vidas privadas são investigadas e segredos de Estados e instituições se tornam pautas jornalísticas. A emergência de um escândalo depende do conhecimento do público sobre as ações e acontecimentos e o processo de transformação desse conhecimento em algo público e visível (Chaia e Teixeira, 2001). Nesse aspecto, a mídia de massa é responsável pela divulgação dessas informações “numa esfera que transcende o tempo e o espaço de sua ocorrência. O escândalo pode se espalhar rapidamente e de maneira incontrolável, sendo difícil reverter o processo [...]”(CHAIA E TEIXEIRA, 2001).

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UFES-ES, email: priscillacalmon@gmail.com

³ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UFES-ES, email: allancancian@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFES-ES, email: fabiomalini@gmail.com

Ao mesmo tempo, na Internet, forma-se uma mídia de “multidão”. Para Antônio Negri (2001) essa multidão não é nem encontro da identidade, nem pura exaltação das diferenças, mas é o reconhecimento de que, por trás de identidades e diferenças, possa existir ‘algo comum’. Dessa forma, o compartilhamento em rede, por exemplo, surge como uma forma de identificação entre esses indivíduos em busca do “comum”. Cabe aqui destacar o que Clay Shirky (2011) chama de compartilhamento público e cívico, nos quais se encaixam fenômenos como o Wikileaks. O primeiro quando um grupo de colaboradores deseja ativamente criar um recurso público, e o segundo, existe quando um grupo tenta de alguma forma transformar a sociedade.

Nesse contexto, o Wikileaks se mostra como uma organização que parte do pressuposto da multidão “anônima”, capaz de transformar segredos de Estado e documentações sigilosas em objetos públicos, transformando drasticamente os rumos da política internacional e das políticas de sigilo de Estados e organizações. Isso ocorre a partir da colaboração de atores tanto com objetivos “públicos”, quanto “cívicos”. Configurados a partir de uma lógica jornalística investigativa, o Wikileaks tem uma base de divulgação de dados público, de todos os documentos recebidos anonimamente, assim como uma interpretação jornalística sobre o caso ocorrido, permitindo assim tanto aos leitores quanto a qualquer meio de comunicação de massa, o acesso a essa imprensa ‘livre’ e ‘transparente’, e antes tudo, compartilhada.

Julian Assange, diretor e fundador do Wikileaks, afirma que a organização já divulgou, desde sua fundação em 2007, mais informações que toda a imprensa tradicional junta (Assange, 2010, online). A notícia, que sempre esteve atrelada à imprensa e a sua capacidade de irradiar informação, está hoje em todos os lugares virtuais como mídias de multidão, em que seu produto final é divulgado de forma pública e livre (Antoun e Malini, 2011).

2. O vazamento dos telegramas confidenciais

O dia 28 de novembro de 2010 ficou conhecido na imprensa internacional como a data da primeira ciberguerra da história. Para Rosário (2010), essa é uma guerra pela luta da liberdade de expressão em que o cidadão comum mostra que está no controle de tudo. E essa ciberguerra eclodiu, segundo Christofolletti e Oliveira (2011), quando

251.287 comunicados internos do Departamento de Estado Americano, escritos por 290 embaixadas e consulados, em 180 países, vazaram para todo mundo.

Os documentos foram parar nas mãos do Wikileaks a partir do soldado norte-americano, Bradley Manning, que durante uma operação no Iraque, conseguiu obter acesso irrestrito a uma enorme quantidade de material confidencial do banco de dados norte-americano: “O que ele fez foi pegar o CD regravável com as músicas da Lady Gaga e apagá-lo, copiando, em seguida, outro tipo de material digital – muito mais perigoso [...]” (LEIGH E HARDING, 2011).

O primeiro vazamento que trouxe o Wikileaks ao público foi a divulgação do vídeo “Apache” (Collateral Murder)⁵, em que os pilotos do Exército norte-americano aparecem atirando em dois jornalistas da agência de notícias Reuters. Toda a imagem é gravada a partir de uma câmera militar de um dos helicópteros Apache que sobrevoava Bagdá. O resultado da operação foi a morte de cerca de doze pessoas, além de duas crianças feridas, que sobreviveram.

Logo em seguida, o Wikileaks divulgou relatórios de atividades do Exército americano na guerra em curso no Afeganistão e dados semelhantes também vazaram sobre a ocupação do Iraque. Essa era a segunda coletânea de dados do Wikileaks, que deu origem a união dos veículos de comunicação *The Guardian*, *The New York Times* e *Der Spiegel*. Os três jornais tiveram acesso a todo material e se uniram para contextualizar e publicar partes dos diários de guerra do Afeganistão, e em seguida, um conjunto de revelações da guerra no Iraque. A ação deveria ser coordenada e feita em diferentes partes do mundo, dessa forma não haveria nenhum impedimento jurídico de bloquear o site ou proibir a veiculação das notícias.

Mas o vazamento final ainda era esperado pela imprensa. Eles aguardavam o acervo de telegramas confidenciais que comprometiam 180 países no mundo. O editor investigativo do *The Guardian*, David Leigh, pressionava Assange para a entrega dos telegramas. E após um acordo, no qual Leigh concordava em manter os documentos em segurança e publicá-los somente na hora certa, os mais de 250 mil telegramas foram parar nas mãos da imprensa.

⁵ Nomeação que o Wikileaks deu ao vídeo, em português significa “Chacina Colateral”.

Nessa segunda etapa, da divulgação dos telegramas, dois novos parceiros entraram no acordo, pois Assange exigia a presença de jornais de língua românicas no processo para aumentar o impacto em todo o mundo. *El País* e *Le Monde* agora também fariam parte da equipe. O dia final da publicação ficou conhecido nos bastidores da produção como Dia D, quando todos os jornais publicariam os documentos ao mesmo tempo, no dia 28 de novembro de 2010, às 21h30 (horário de Greenwich).

Os cinco veículos também compartilhavam uma preocupação: de que os nomes presentes nos arquivos confidenciais fossem protegidos. Caso o perigo fosse evidente, o nome era riscado. A ideia era que o texto original dos documentos fosse divulgado online, com as reportagens produzidas pelos jornais e suas devidas edições. Os cinco jornais aguardavam a publicação de um forte trabalho de edição e produção. E a *Der Spiegel* havia concordado em publicar sua revista no dia anterior, na segunda-feira, após a publicação oficial do material online.

Entretanto, no meio do caminho, uma van de distribuição da revista alemã saiu 24h antes do programado e mudou o rumo do vazamento. O editor chefe da Rádio Basel, emissora local alemã, havia encontrado um cópia da *Der Spiegel* na estação, com data de 29 de novembro de 2010. A emissora alemã rapidamente divulgou a notícia de que havia poucos exemplares da publicação da *Der Spiegel* na estação Basileia. Foi quando o usuário anônimo do twitter *Freelancer_09* resolveu checar a informação e em pouco tempo já estava divulgado o conteúdo da revista no twitter (Leigh e Harding, 2011). Os veículos de comunicação perceberam que haviam sido furados. E após o imprevisto que este furo trouxe aos jornais, às 18h da tarde, eles decidiram publicar as matérias.

Quando o material foi divulgado, uma marcha de pessoas insurgiu contra o Wikileaks. Logo após a publicação dos telegramas, a organização foi alvo de um ataque de hackers, através de um ataque DDOS (*distributed denial of service*), coordenado pelo patriota “The Jester”, conhecido no twitter pelo nome “*th3j35t3r*”, que se denominava um hacktivista do bem, cujo um dos objetivos era obstruir as linhas de comunicação de terroristas (Leigh e Harding, 2011).

O Wikileaks foi atacado por todos os lados. Os “aliados” da organização, como servidores e empresas de cartão de crédito, deixaram de prestar seus serviços, sobretudo por pressão política dos Estados Unidos. Mas esses ataques não ficaram sem resposta. A favor do Wikileaks se levantou o grupo Anonymous, formado por cerca de 3 mil pessoas, dentre eles jovens ansiosos para manterem a informação livre e internet aberta para o mundo. Organizado em um fórum na internet, o grupo reivindicou os ciberataques contra as companhias americanas de cartão de crédito. A Operação Vingança, assim denominada por eles, tiraram do ar a empresa MasterCard e também a conta do cartão de Sarah Palin, ex-governadora do Alasca, que se mostrou extremamente contra a organização.

O vazamento causado pelo Wikileaks trazia para os rumos da política mundial um novo perfil. De acordo com Leigh e Harding (2011): “esse evento foi algo novo – o equivalente, na internet, a uma manifestação política barulhenta. O que começara com alguns nerds adolescentes transforma-se numa ciber-revolta contra as tentativas de limitar a informação”.

3. Metodologia

Este artigo tem objetivo analisar os diferentes movimentos dos perfis no Twitter que participaram da divulgação de informações referentes aos documentos vazados pelo Wikileaks, caso conhecido como CableGate. E a partir desses movimentos compreender os modos de subjetivação que cada desempenho dos *tweeteiros* reproduz quando da disputa dos sentidos sobre os fatos midiáticos online.

A primeira ação deste trabalho foi uma análise documental do material referente ao Wikileaks e seus principais movimentos de “vazar” documentos confidenciais de governos e empresas privadas. Isso se deu a partir da busca de material online em jornais, primeiro os brasileiros, entre eles o Estadão e a Folha de São Paulo, além de conteúdo de blogs e vídeos sobre a organização. Em seguida, houve um momento de busca bibliográfica, de livros a respeito do Wikileaks, assim como artigos acadêmicos.

Esse processo de busca documental ressaltou a importância de um vazamento específico para o futuro do Wikileaks: a de telegramas confidenciais dos Estados

Unidos, divulgados entre os dias 28 a 30 de novembro de 2010, que comprometiam países de todo o mundo.

A partir da identificação deste período como um marco para o futuro do Wikileaks, buscou-se analisar como se constituiu a rede que utilizava a *hashtag* #Wikileaks. Para isso utilizou-se do site Topsy⁶ para conseguir encontrar e categorizar os *tweets* referentes à *hashtag*. O site é um motor de buscas especializado em localizar conteúdo de redes sociais, como Facebook, Google+ e o Twitter, como é o caso do nosso artigo. Pelo fato da ferramenta preservar em seu histórico *tweets* antigos, tornou-se necessário o seu uso para selecionar os posts mais relevantes da época, de acordo com o próprio Topsy. Além de localizar a *hashtag* #wikileaks, o Topsy também incluía em sua busca os posts mais relevantes quem eram citados com a palavra Wikileaks.

O buscador utiliza de alguns meios para calcular os resultados desses *tweets*, seja por meio dos vários *retweets* que um post recebeu ou através da audiência conquistada por links em diversos *tweets* - onde o que importa é o link em si e não a mensagem que o acompanha. No site, há várias opções para refinar a pesquisa, auxiliando assim a chegar aos resultados mais compatíveis com a realidade.

E além de localizar a *hashtag* #wikileaks, o Topsy também incluía em sua busca os *tweets* mais relevantes quem eram citados com a palavra Wikileaks.

Cada conta poderia ter mais de um *tweet* e após filtrar os mais importantes iniciou-se um processo de categorização dos perfis que ajudaram a construir essa narrativa. Observou-se após certo momento que as características dos perfis se repetiam e com base nisso, os dividimos em grupos que unissem esses aspectos em comum.

No total, 527 perfis foram analisados. Tais grupos foram: *news* (151 perfis), que eram principalmente contas de grandes portais de notícia, jornais, revistas e outros sites que publicavam sobre o Wikileaks ou postavam sobre seus documentos; *blogueiros* (66), que reproduziam conteúdo próprio sobre o tema e usavam do Twitter para lançar os links de direcionamento de seus blogs; *ativistas* (46), que eram os mobilizadores da rede que usavam seus perfis (contra ou a favor) de uma causa; *agregadores de notícia*

⁶ www.topsy.com

(100), responsáveis por juntar as informações mais relevantes de determinando assunto do momento. Eram os *gatekeepers*⁷ da rede (em teoria de rede, são chamados também de hubs, por fazer ciclar informações publicadas em nós com autoridade no assunto); e *comentaristas* (164), que *tuitavam* sobre qualquer assunto factual que considerassem importantes para sua rede de contatos, deixando ou não seu ponto de vista explícito na rede.

É importante lembrar que a análise do perfil foi baseada na descrição que o usuário se dava no Twitter, bem como seus últimos posts no micro blog. Isso foi fundamental para que descobrissemos como se dava a repercussão das mensagens de cada um desses grupos. Ou seja, a categorização dos perfis se deu anterior à análise de seus *tweets*.

Com os grupos já definidos, partimos para a análise do conteúdo dos *tweets*, buscando características em comum de cada grupo específico. Neste ponto, a pesquisa já era referente aos *tweets* dos dias do vazamento, em que se notaram alguns aspectos divergentes que provavam que cada grupo não era uniformemente igual.

Ao total foram avaliados 1625 *tweets*. Dentro de cada categoria foi observada a quantidade de *retweets*, se o conteúdo exprimia algum tipo de opinião, sensacionalismo, sarcasmo, ou se apenas estavam interessados em dar a informação e falar sobre os documentos. Além disso, também foi pontuado a presença de comentários, links, observações e apontamentos futuros – que não estavam expostos em apenas uma categoria. Com base nesta análise detalhada de objeto, as seguintes categorias foram assim observadas:

- *News*: durante a categorização empírica, essa definição de "*news tweets*" demonstrou que a difusão de notícias possui diferentes modos, contudo, seu padrão é representado pelo velho modo de publicar em blogs: informação mais link. Também foram constatados casos em que não havia necessariamente um link e sim a notícia resumida ou parte de um documento transcrito. Cada perfil no Twitter filtrava as informações referentes ao seu país para serem divulgadas em sua conta.

⁷ Porteiros da internet: controlam o que vai entrar e sair e quais as informações mais relevantes.

- *Blogueiros*: observou-se que eles não linkavam para o próprio blog sobre o assunto do momento. Alguns perfis reproduziam conteúdo sobre pontos específicos do caso Wikileaks. Entretanto, a função do blogueiro em geral, ficou muito mais sendo a de um opinador e comentarista do que a daquele que produz material próprio para reflexão.

- *Ativistas*: seus *tweets* faziam uma previsão futura, muitas vezes fazendo com que as pessoas refletissem sobre como que o acontecimento mudaria o mundo a partir daquela data. Ao usarem de diversos *retweets* para se expressarem, apresentaram uma característica de compartilhar conteúdo para sua rede, na tentativa de mobilizá-la.

- *Agregadores de notícias*: exibiram características muito divergentes daquela esperada pelo seu perfil. Os usuários não deixaram de compartilhar links e reproduzir conteúdo, que são os aspectos fortes da categoria, mas no caso Wikileaks, eles se portaram como comentaristas. Percebeu-se uma forte presença de comentários e opiniões. Em alguns casos, era um *mix* de divulgadores e comentaristas, sempre divulgando o link junto com suas opiniões.

- *Comentaristas*: notou-se grande presença de postagens que apenas comentavam sobre os fatos, de modo simples e sem abranger muito o impacto das informações reveladas pelo Wikileaks. Já outros *tweets* possuíam links que direcionavam para aquilo que ele explicava, com a presença às vezes de ironia, sarcasmo e humor. Outros perfis expressavam claramente as suas opiniões, apontando o porquê falavam aquilo ou indagando sobre os documentos revelados.

Após a análise de cada categoria foi possível perceber a peculiaridade dos grupos e ressaltar quais deles possuíam um discurso mais rico em detalhes. Dentre eles, foi selecionada a categoria news, por ser uma peça chave por possibilitar o comportamento da mídia online no caso, e os ativistas, por mobilizarem a rede com narrativas pró e contra a organização. Por um lado, então, o jogo discursivo da agenda tradicional de opinião montada pelo jornalismo; e, de outro, a disputa em torno da repercussão dos fatos, empreendida por ciberativistas.

Uma recategorização foi então realizada para reanalisar os *tweets* individuais de cada grupo, destacando a notícia explícita nesse conteúdo. Para isso foram utilizadas as

classificações de notícia, que segundo Sodré e Ferrari (2011), podem ser divididas em: *anunciativas* (o simples  ncio de um fato, de forma descritiva e documental), *enunciativas* (exprime os fatos de forma narrativa, mas sem que a presença do narrador seja evidente, a história   contada por si só), *pronunciativas* (deixa sua opinião evidente a respeito de algo, tem um tom avaliativo) e *denunciativos* (seus objetivos são claramente visíveis, se mostrando contra ou favor de algo).

4. A predile o pelo  ncio: os perfis noticiosos no caso Wikileaks

Os *tweets* classificados como news vinham basicamente de perfis de sites jornalísticos ou de outros sites com postagens referentes ao Wikileaks. O cont do divulgado por essa categoria pode ser pontuado, segundo Sodré e Ferrari (1986), como sendo de notícia *anunciativa*, que visa simplesmente divulgar os acontecimentos. Neste caso, apontando os dados mais importantes em rela o aos telegramas, a exemplo do perfil @guardiannews “Saudi Arabia urges US attack on Iran to stop nuclear programme <http://gu.com/p/2yc4g/tw> #Wikileaks #cables”⁸, que destaca um ponto específico relatado nos telegramas.

Dentro dessa recategoriza o, pode-se afirmar que os perfis de news traziam em seus posts ou elementos contextualizadores dos dados divulgados, como no *tweet* da agência de notícias @Reuters: “White House condemns latest WikiLeaks release <http://reut.rs/f8Z4Wp>”⁹, ou *tweets* caracterizados como um alerta, a exemplo da conta @c5n (um perfil de informa es da Argentina): “#Alerta #WikiLeaks: Entre los documentos secretos de #EEUU figura un pedido de información sobre la salud mental de @CFKArgentina”¹⁰, dizendo respeito a um documento vazado que duvidava da saúde mental da então presidente da Argentina.

Também foi observada a presença de *tweets* de cont do *pronunciativo*, no qual alguns veículos deixavam evidente um tipo de posicionamento em rela o   notícia, seja através de um tom ir nico do *tweet* ou a partir de um questionamento, como o *tweet*

⁸ Tradu o dos autores:  r bia Saudita pede aos EUA ataque ao Ir  para interromper programa nuclear.

⁹ Tradu o dos autores: Casa Branca condena o mais recente vazamento do Wikileaks.

¹⁰ Tradu o dos autores: #Alerta #Wikileaks: Entre os documentos secretos do #EEUU consta um pedido de informa o sobre a saúde mental de @CFKArgentina.

divulgado pela conta @wsj do Wall Street Journal: “*To publish or not to publish? How WikiLeaks is pushing news orgs to face the question <http://on.wsj.com/dLhPWx>”¹¹. Importante observar que a exemplo do *tweet* anterior, alguns conteúdos pronunciativos estavam atrelados a contas de usuários que também divulgavam *tweets* anunciativos.*

Apesar dessa pequena incidência de conteúdos *pronunciativos*, foi observado que os perfis de news estavam apenas interessados em passar a informação para seu público alvo (é a velha estrutura de *breaking news* reproduzida no Twitter, em que a notícia de última hora se afirma como valor primeiro da agenda jornalística). Esse processo se dava através de *retweets* (que apresentou uma grande quantidade) ou pelo direcionamento do link para o site de notícias, que pode ser percebido no *tweet* “*browse the diplomatic cables in our interactive document viewer: <http://nyti.ms/gjtmCD> #Wikileaks#statelogs <http://j.mp/hNqIKg>”¹², do jornal @nytimes.*

Essa era uma das técnicas adotadas pelos veículos para atrair os leitores para seus sites, eles forneciam as notícias com os links ou apenas com a notícia, transcrevendo parte dos documentos em seus *tweets*, criando discussões entre seus seguidores ou até mesmo usando certo grau de sensacionalismo, como no *tweet* do portal de notícias @gizmodo, “*WikiLeaks reveals some strange schemes to gather diplomatic info <http://gizmo.do/gudZqV> Bluetooth bugs and DNA tracking!”¹³.*

Cada veículo usava de uma linguagem específica para o seu público leitor, o que chamava atenção para que o conteúdo fosse lido e compartilhado nas redes sociais. Portais especializados em tecnologia mais voltados para o público jovem, por exemplo, usavam de discussões e dinamismo para apresentar o link. Já outros portais de notícia mais tradicionais, compartilhavam matérias para um público que prezava pelas notícias da última hora.

5. O *tweet* ciberativista:

¹¹ Tradução dos autores: Publicar ou não publicar? Como o Wikileaks está fazendo os meios de comunicação enfrentarem esta questão.

¹² Tradução dos autores: Navegue nos telegramas diplomáticos em nosso visualizador de documento interativo.

¹³ Tradução dos autores: Wikileaks revela alguns esquemas estranhos para reunir as informações diplomáticas.

O grupo classificado como ativistas também apresentou algumas características singulares. Os perfis ativistas eram visionários, ou seja, eles projetavam seus comentários e opiniões para o futuro, em causas a serem conquistadas pela mobilização popular ou pelas mudanças já conquistadas e evidentes no rumo da história. A importância da divulgação dos documentos confidenciais pelo Wikileaks era apresentada por eles pelo lado positivo (a partir daqueles que estavam a favor da organização) e também pelo lado negativo (pelos que se levantaram contra o Wikileaks).

Os *tweets* dessa categoria em geral tiveram uma grande marca *anunciativa* e *pronunciativa*, em proporções iguais em relação ao número de posts no Twitter. Isso de certa forma ressalta a característica determinante dos ativistas de se pronunciarem em um acontecimento como este. A função desse grupo é por si só uma grande manifestação de posicionamento e poder mobilizador em uma rede.

Dentre os *tweets* classificados como *anunciativos*, por exemplo, pode-se perceber que alguns continham caráter de alerta ou observações pertinentes sobre uma questão em particular (assim como os *tweets* dos news). Os *retweets* que os ativistas faziam de outras contas importantes também foram considerados como conteúdo anunciativo, já que o usuário queria chamar atenção para uma informação específica. O perfil @melodymoezzi, por exemplo, reproduziu uma informação através do *retweet* e teve como conteúdo de seu *tweet* um alerta: “RT @BreakingNews: Saudi donors remain chief financiers of militant groups like al-Qaida - NYT on#wikileaks”¹⁴.

As notícias *pronunciativas* divulgadas pelo grupo apresentaram opiniões explícitas tanto a favor quanto contra o vazamento de informações. Além disso, o tom apelativo também foi adotado, por exemplo, pela conta @wikileaks no Twitter: “Please use #cablegate to discuss the pending US Embassy cables release.”¹⁵, para tentar divulgar a hashtag #cablegate.

Com uma incidência bem menor de *tweets*, também foram identificados conteúdos *enunciativos* e *denunciativos*. O primeiro tipo é identificado quando um

¹⁴ Tradução dos autores: Doadores sauditas permanecem como principais financiadores de grupos militantes como Al-Qaeda – New York Times sobre #wikileaks

¹⁵ Tradução dos autores: Por favor, use #cablegate para discutir a liberação dos cabos pendentes da Embaixada dos Estados Unidos.

usuário tenta narrar os dados do telegrama a partir de seu ponto de vista, deixando transparecer certa “ideologia”. Esse tipo de postagem aparece em contas que tentam estar “dentro” dos acontecimentos, o que ocorre com o próprio @wikileaks. O segundo tipo, de caráter *denunciativo*, aparece de maneira explícita e seus objetivos são fáceis de serem percebidos, como pode ser visto no *tweet* do perfil @th3j35t3r (que luta contra o Wikileaks) “*www.wikileaks.org - TANGO DOWN - for attempting to endanger the lives of our troops, 'other assets' & foreign relations*”.¹⁶

Os ativistas mostraram ainda que alguns perfis eram ao mesmo tempo *anunciativos, pronunciativos e enunciativos*, destacando a multiplicidade de sujeitos e enunciados que uma mesma pessoa pode lançar para mobilizar sua *timeline*. É o caso do usuário anônimo @shoq que utiliza os três tipos de notícias para chamar a atenção de seus seguidores.

Por ser um acontecimento de grande repercussão mundial, a quantidade de material reproduzido, e conseqüentemente, de um *conteúdo anunciativo*, que visa apenas relatar uma situação, acaba sendo frequente dentro desse perfil ativista. Por outro lado, percebe-se também uma presença forte de opinião e a tentativa dos usuários de trazer aquele acontecimento para sua rede de contatos.

Uma tipologia específica de *tweets* marcou a característica básica desse grupo, que foi a grande reprodução de conteúdo através dos *retweets* e as reflexões e questionamentos que os usuários demonstravam pelos seus posts. O *tweet* “*#wikileaks is raising a tantalizing question today: What happens when they can't lie to us anymore?*”¹⁷, do usuário @studentactivism, por exemplo, aponta como os ativistas usavam um assunto referente ao Wikileaks para lançar uma questão futura, nesse caso, do que aconteceria a sociedade caso o governo não pudesse mais esconder os fatos.

6. Conclusão

¹⁶ Tradução dos autores: www.wikileaks.org - Terrorista Morto - por tentar colocar em perigo a vida de nossas tropas, outros ativos e relações exteriores.

¹⁷ Tradução dos autores: #wikileaks está levantando uma questão inquietante hoje: O que acontece quando eles não podem mais mentir para nós?

Essas narrativas construídas pela timeline pública dos usuários a respeito do #Wikileaks revelaram como era disposta a informação em seus mais diversos tipos de enunciado. Cada categoria analisada possuía uma característica específica em sua forma, que contribuiu para a constituição de um sentido global do acontecimento.

Com base nesta timeline pública percebeu-se que os usuários apresentavam um discurso muito mais *anunciativo* e *pronunciativo* do que qualquer outro observado. Isso se dá, primeiro, pois os usuários do Twitter têm como atividade republicar o conteúdo das mídias tradicionais presentes na plataforma (por confiarem na veracidade dos conteúdos divulgados nesses veículos), e segundo, como não têm uma leitura integral dos documentos originais vazados pelo Wikileaks, o uso da mediação feita pela mídia entre o arquivo bruto e editado, foi fundamental para a predominância desses tipos de enunciados.

Foi constatada a preponderância das mensagens *anunciativas*, tanto no perfil de *news* quanto no de *ativistas*. Esse fato pode ser explicado, pois os sites jornalísticos escreviam mensagens diretas e objetivas que anunciavam os fatos, enquanto a minoria dos outros perfis se preocupava mais em se pronunciar a respeito do Wikileaks, inclusive *news*, fazendo questionamentos e observações. A narrativa jornalística, como afirma Antoun e Malini (2011) é marcada pela comprovação da veracidade dos fatos, com a hierarquização das fontes, a tentativa de uma enunciação distante do caso narrado e publicação de versões únicas.

Essa narrativa colaborativa corroborou para a emergência das redes que contribuíram no vazamento de telegramas provocado pelo Wikileaks. A partir da definição desse conjunto de atores envolvidos na narrativa, é possível que novos eventos relacionados à organização tragam consigo uma categorização e comportamentos na rede semelhantes à apresentada neste período específico.

REFERÊNCIAS

ANTOUN, H.; MALINI, F. **Controle e biolutas na cibercultura: monitoramento, vazamento e anonimato na revolução democrática do compartilhamento.** Disponível em: <http://bit.ly/MRko9F> <Acesso em 17 de junho 2012>

ANTOUN, H.; MALINI, F. **Ontologia da liberdade na rede: a guerra das narrativas na internet e a luta social na democracia.** Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8196> <Acesso em 7 de junho 2012>

ASSANGE, J. **Por que o mundo precisa do Wikileaks?.** Ted Global 2010. Disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/julian_assange_why_the_world_needs_wikileaks.html <Acesso em 28 de maio 2012>

CHAIA, V.; TEIXEIRA, M. **Democracia e escândalos políticos.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000400008&lng=en&nrm=iso <Acesso em 5 de junho 2012>

CHRISTOFOLETTI, R., OLIVEIRA, C. **Jornalismo pós-wikileaks: deontologia em tempos de vazamentos globais de informação.** Contemporanea - Revista de Comunicação e Cultura, vol. 9, nº2; 2011. Disponível em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/5072/3884> <Acesso em 4 de junho 2012>

FRANCIS, R. **O caso Wikileaks e a primeira ciberguerra da história.** Muita Pimenta. Disponível em: <http://muitapimenta.com/o-caso-wikileaks-e-a-primeira-ciberguerra-da-historia/> <Acesso em 11 de junho 2012>

HARDT, M.; NEGRI, A.. **Império.** São Paulo: Editora Record, 2001.

LEIGH, D.; HARDING, L. **Wikileaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado.** Campinas: Ed. Verus, 2011.

SHIRKY, C. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SODRÉ, M; FERRARI, M.H. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** São Paulo: Ed. Summus, 1986.